

# NATURALIS

2ª Edição

Movimento Literário

Aluísio de Azevedo

Teatro Naturalista



AB12345678910

São Paulo 06, Dezembro 2022

# SUMÁRIO

04

O QUE É NATURALISMO?

05

NATURALISMO NO BRASIL  
E PORTUGAL

06

UM BRAÇO DE MULHER  
RUBEM BRAGA

09

AUTORES NATURALISTAS

11

TEATRO NATURALISTA





Disponível nos cinemas

# O QUE É NATURALISMO?

O naturalismo foi um movimento artístico e cultural que se manifestou na literatura, no teatro e nas artes plásticas, e teve como principais características a objetividade, a impessoalidade e o retrato fiel da realidade. Ele surgiu na França, em meados do século XIX, e se espalhou rapidamente para outros países da Europa e do mundo. Oposto ao Romantismo, que apresentava uma face sonhadora, com idealizações, subjetivismos e fuga da realidade, o naturalismo prezou pelo objetivismo científico. Influenciado pelas correntes científicas e filosóficas que surgiam na Europa como o determinismo, o darwinismo e o cientificismo, para os artistas naturalistas, tudo estava determinado e possuía uma explicação lógica pautada na ciência. Através de uma visão imparcial dos fatos, nada era sugerido ou apresentado de maneira subjetiva. O ser humano passou a ser visto como uma máquina, sem livre arbítrio, e influenciado pelo meio social e físico em que está inserido.

## CARACTERÍSTICAS!

**Determinismo:** segundo essa corrente teórica, a natureza determina o caráter e o comportamento do ser humano, uma vez que tudo já está pré-determinado e estabelecido. Por essa perspectiva, o homem é influenciado pelo meio em que vive, sendo fruto dele.

**Positivismo:** corrente filosófica que se apoia

na ciência para atingir o conhecimento verdadeiro. Para esses teóricos, o conhecimento científico é utilizado para explicar as teorias e as leis científicas, bem como o ser humano e a sociedade.

**Objetivismo científico:** para os naturalistas, a ciência era a chave e os fatos eram explicados à luz das correntes científicas que vigoravam em meados do século XIX. Assim, os artistas naturalistas não projetam em suas obras utopias e ideias idealizadas.

**Darwinismo social:** pautado nas ideias de Charles Darwin, como a seleção natural e o evolucionismo, esse conceito sugere que os mais fortes sobrevivem às adversidades da sociedade, enquanto os outros enfraquecem.

**Retrato fiel da realidade:** na arte naturalista, é notória a preocupação em observar o mundo e as coisas que nos rodeiam de maneira bastante minuciosa para entregar ao espectador um retrato verossímil da realidade.

# NATURALISMO

## BRASIL E

## PORTUGAL

O naturalismo brasileiro surge no final do século XIX em meio a agitação política e social promovida pela crise do Segundo Reinado, que culminaria na Proclamação da República, em 1889. Na literatura, o marco inicial do naturalismo brasileiro é a publicação da obra, em 1881, *O Mulato*, do escritor Aluísio Azevedo. Considerado o primeiro romance de tese do Brasil, a obra aborda o tema do preconceito racial, muito vigente na sociedade da época. Tendo como suas principais características: Linguagem coloquial, Observação da realidade, Retrato objetivo da sociedade, Evolucionismo, cientificismo e positivismo, Descrição de ambientes e personagens, Problemas humanos e sociais.

O naturalismo em Portugal tem início na década de 70, se manifestando na literatura e na pintura. O marco da literatura naturalista portuguesa é a publicação do romance *O crime do padre Amaro*, em 1875, do escritor Eça de Queiroz. Essa obra reúne aspectos da escola realista e naturalista, movimentos que se complementaram e aconteceram de maneira simultânea. Tendo como suas principais características: Objetividade e Materialismo, Cientificismo e Determinismo, Positivismo e Darwinismo, Linguagem simples e coloquial, Descrições minuciosas, Realidade e denúncia social, Temas polêmicos, Leis na natureza, Paisagens rurais, Instinto humano, Homem como produto biológico, Personagens marginalizados e Negação dos aspectos românticos



# Conto Um braço de mulher

**S**ubi ao avião com indiferença, e como o dia não estava bonito, lancei apenas um olhar distraído a essa cidade do Rio de Janeiro e mergulhei na leitura de um jornal. Depois fiquei a olhar pela janela e não via mais que nuvens, e feias. Na verdade, não estava no céu; pensava coisas da terra, minhas pobres, pequenas coisas. Uma aborrecida sonolência foi me dominando, até que uma senhora nervosa ao meu lado disse que “nós não podemos descer!”.

O avião já havia chegado a São Paulo, mas estava fazendo sua ronda dentro de um nevoeiro fechado, à espera de ordem para pousar. Procurei acalmar a senhora. Ela estava tão aflita que embora fizesse frio se abanava com uma revista. Tentei convencê-la de que não devia se abanar, mas acabei achando que era melhor que o fizesse. Ela precisava fazer alguma coisa, e a única providência que aparentemente podia tomar naquele momento de medo era se abanar. Ofereci-lhe meu jornal dobrado, no lugar da revista, e ficou muito grata, como se acreditasse que, produzindo mais vento, adquirisse maior eficiência na sua luta contra a morte.

Gastei cerca de meia hora com a aflição daquela senhora. Notando que uma sua amiga estava em outra poltrona, ofereci-me para trocar de lugar, e ela aceitou. Mas esperei inutilmente que recolhesse as pernas para que eu pudesse sair de meu lugar junto à janela; acabou confessando que assim mesmo estava bem, e preferia ter um homem — “o senhor” — ao lado. Isto lisonjeou meu orgulho de cavalheiro: senti-me útil e responsável. Era por estar ali eu, um homem, que aquele avião

não ousava cair. Havia certamente piloto e co-piloto e vários homens no avião. Mas eu era o homem ao lado, o homem visível, próximo, que ela podia tocar. E era nisso que ela confiava: nesse ser de casimira grossa, de gravata, de bigode, a cujo braço acabou se agarrando. Não era o meu braço que apertava, mas um braço de homem, ser de misteriosos atributos de força e proteção.

Chamei a aeromoça, que tentou acalmar a senhora com biscoitos, chicles, cafezinho, palavras de conforto, mão no ombro, algodão nos ouvidos, e uma voz suave e firme que às vezes continha uma leve repreensão e às vezes se entremeava de um sorriso que sem dúvida faz parte do regulamento da aeronáutica civil, o chamado sorriso para ocasiões de teto baixo. Mas de que vale uma aeromoça? Ela não é muito convincente; é uma funcionária.

A senhora evidentemente a considerava uma espécie de cúmplice do avião e da empresa e no fundo (pelo ressentimento com que reagia às suas palavras) responsável por aquele nevoeiro perigoso. A moça em uniforme estava sem dúvida lhe escondendo a verdade e dizendo palavras hipócritas para que ela se deixasse matar sem reagir. A única pessoa de confiança era evidentemente eu: e aquela senhora, que no aeroporto tinha certo ar desdenhoso e solene, disse suas malcriações para a aeromoça e se agarrou definitivamente a mim. Animei-me então a pôr a minha mão direita sobre a sua mão, que me apertava o braço. Esse gesto de carinho protetor teve um efeito completo: ela deu um profundo suspiro de alívio, cerrou

os olhos, pendeu a cabeça ligeiramente para o meu lado e ficou imóvel, quieta. Era claro que a minha mão a protegia contra tudo e contra todos, estava como adormecida. O avião continuava a rodar monotonamente dentro de uma nuvem escura; quando ele dava um salto mais brusco, eu fornecia à pobre senhora uma garantia suplementar apertando ligeiramente a minha mão sobre a sua: isto sem dúvida lhe fazia bem. Voltei a olhar tristemente pela vidraça; via a asa direita, um pouco levantada, no meio do nevoeiro. Como a senhora não me desse mais trabalho, e o tempo fosse passando, recomecei a pensar em mim mesmo, triste e fraco assunto. E de repente me veio a ideia de que na verdade não podíamos ficar eternamente com aquele motor roncando no meio do nevoeiro – e de que eu podia morrer. Estávamos há muito tempo sobre São Paulo. Talvez chovesse lá embaixo; de qualquer modo a grande cidade, invisível e tão próxima, vivia sua vida indiferente àquele ridículo grupo de homens e mulheres presos dentro de um avião, ali no alto. Pensei em São Paulo e no rapaz de vinte anos que chegou com trinta mil-réis no bolso uma noite e saiu andando pelo antigo viaduto do Chá, sem conhecer uma só pessoa na cidade estranha. Nem aquele velho viaduto existe mais, e o aventureiro rapaz de vinte anos, calado e lírico, é um triste senhor que olha o nevoeiro e pensa na morte. Outras lembranças me vieram, e me ocorreu que na hora da morte, segundo dizem, a gente se lembra de uma porção de coisas antigas, doces ou tristes. Mas a visão monótona daquela asa no meio da nuvem me dava um torpor, e não pensei mais nada. Era como se o mundo

atrás daquele nevoeiro não existisse mais, e por isto pouco me importava morrer. Talvez fosse até bom sentir um choque brutal e tudo se acabar. A morte devia ser aquilo mesmo, um nevoeiro imenso, sem cor, sem forma, para sempre.

Senti prazer em pensar que agora não haveria mais nada, que não seria mais preciso sentir, nem reagir, nem providenciar, nem me torturar; que todas as coisas e criaturas que tinham poder sobre mim e mandavam na minha alegria ou na minha aflição haviam-se apagado e dissolvido naquele mundo de nevoeiro. A senhora sobressaltou-se de repente e muito aflita começou a me fazer perguntas. O avião estava descendo mais e mais e entretanto não se conseguia enxergar coisa alguma. O motor parecia estar com um som diferente: podia ser aquele o último e desesperado tredo ronco do minuto antes de morrer arrebatado e retorcido. A senhora estendeu o braço direito, segurando o encosto da poltrona da frente, e então me dei conta de que aquela mulher de cara um pouco magra e dura tinha um belo braço, harmonioso e musculado.

Fiquei a olhá-lo devagar, desde o ombro forte e suave até as mãos de dedos longos. E me veio uma saudade extraordinária da terra, da beleza humana, da empolgante e longa tonteira do amor. Eu não queria mais morrer, e a ideia da morte me pareceu tão errada, tão feia, tão absurda, que me sobressaltei.

A morte era uma coisa cinzenta, escura, sem a graça, sem a delicadeza e o calor, a força macia de um braço ou de uma coxa, a suave irradiação da pele de um corpo de mu-

lher moça. Mãos, cabelos, corpo, músculos, seios, extraordinário milagre de coisas suaves e sensíveis, tépidas, feitas para serem infinitamente amadas. Toda a fascinação da vida me golpeou, uma tão profunda delícia e gosto de viver uma tão ardente e comovida saudade, que retesei os músculos do corpo, estiquei as pernas, senti um leve ardor nos olhos. Não devia morrer! Aquele meu torpor de segundos atrás pareceu-me de súbito uma coisa doentia, viciosa, e ergui a cabeça, olhei em volta, para os outros passageiros, como se me dispusesse afinal a tomar alguma providência.

Meu gesto pareceu inquietar a senhora. Mas olhando novamente para a vidraça adivinhei casas, um quadrado verde, um pedaço de terra avermelhada, através de um véu de neblina mais rala. Foi uma visão rápida, logo perdida no nevoeiro denso, mas me deu uma certeza profunda de que estávamos salvos porque a terra existia, não era um sonho distante, o mundo não era apenas nevoeiro e havia realmente tudo o que há, casas, árvores, pessoas, chão, o bom chão sólido, imóvel, onde se pode deitar, onde se pode dormir seguro e em todo o sossego, onde um homem pode premer o corpo de uma mulher para amá-la com força, com toda sua fúria de prazer e todos os seus sentidos, com apoio no mundo.

No aeroporto, quando esperava a bagagem, vi de perto a minha vizinha de poltrona.

Estava com um senhor de óculos, que, com um talão de despacho na mão, pedia que lhe

entregassem a maleta. Ela disse alguma coisa a esse homem, e ele se aproximou de mim com um olhar inquiridor que tentava ser cordial. Estivera muito tempo esperando; a princípio disseram que o avião ia descer logo, era questão de ficar livre a pista; depois alguém anunciara que todos os aviões tinham recebido ordem de pousar em Campinas ou em outro campo; e imaginava quanto incômodo me dera sua senhora, sempre muito nervosa. “Ora, não senhor.” Ele se despediu sem me estender a mão, como se, com aqueles agradecimentos, que fora constrangido pelas circunstâncias a fazer, acabasse de cumprir uma formalidade desagradável com relação a um estranho – que devia permanecer um estranho.

Um estranho — e de certo ponto de vista um intruso, foi assim que me senti perante aquele homem de cara desagradável. Tive a impressão de que de certo modo o traíra, e de que ele o sentia.

Quando se retiravam, a senhora me deu um pequeno sorriso. Tenho uma tendência romântica a imaginar coisas, e imaginei que ela teve o cuidado de me sorrir quando o homem não podia notá-lo, um sorriso sem o visto marital, vagamente cúmplice. Certamente nunca mais a verei, nem o espero. Mas o seu belo braço foi um instante para mim a própria imagem da vida, e não o esquecerei depressa.

por Rubem Braga.



# Autores

## Naturalistas

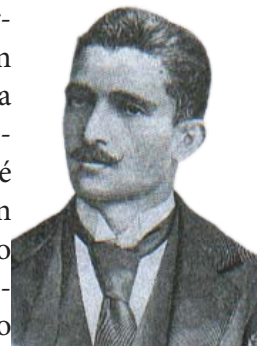
Aluísio de Azevedo (1857-1913), nascido em São Luís do Maranhão, foi um dos principais escritores do movimento naturalista. Embora *O Mulato* seja o romance que inaugura o movimento naturalista no Brasil, sem dúvida, *O Cortiço*, publicado em 1890, é sua obra de maior importância. Nela, o escritor retrata a vida de diversos personagens que vivem em um cortiço no Rio de Janeiro, revelando aspectos da sociedade carioca em finais do século XIX. Suas obras de maior destaque são: *O Mulato* (1881), *Casa de Pensão* (1884) e *O Cortiço* (1890).



Raul Pompeia (1863-1895), nascido em Angra dos Reis, no Rio de Janeiro, colaborou com a produção literária naturalista e realista no Brasil. De estética naturalista destaca-se seu romance *O Ateneu* (1888) que apresenta forte crítica social e moral. A obra é repleta de descrições do ambiente em que a trama se passa (colégio interno), além de apresentar um retrato psicológico das personagens e de suas características anímicas. Além de *O Ateneu*, outras obras do escritor são: *Uma Tragédia no Amazonas* (1880) e *As Joias da Coroa* (1883).



Adolfo Caminha (1867-1897), nascido em Aracati, no Ceará, foi um grande expoente do naturalismo no Brasil. Suas obras fazem duras críticas à sociedade e evocam diversos temas relacionados com tragédias e violências. Na estética naturalista, seu romance de maior relevância é *A Normalista*, publicado em 1893. Nele, o autor aborda o tema do incesto entre a personagem normalista, Maria do Carmo, e seu padrinho. Outro romance de Adolfo Caminha que merece destaque é *Bom crioulo* (1895). Nesta obra, o autor traz à tona o assunto da homossexualidade, um tabu na época em que foi publicada e, por isso, foi duramente criticada.



Eça de Queiroz (1845-1900), nascido na cidade de Póvoa do Varzim, no norte de Portugal, foi considerado um dos maiores escritores portugueses. Sua obra que inaugura o movimento naturalista em Portugal, *O crime do Padre Amaro* (1875), relata o envolvimento amoroso de um pároco com uma mulher noiva. O livro recebeu diversas críticas, pois abordou temas polêmicos para a época. Além desse romance, merece destaque: *O Mistério*



rio da Estrada de Sintra (1970) e A Tragédia da Rua das Flores (1877).

Abel Botelho (1856-1917), nascido em Tabuaço, na região norte de Portugal, teve uma carreira política, militar e diplomata. Além disso, ele foi crítico literário e contribuiu com seus escritos para os movimentos realista e naturalista. Escreveu uma série de romances focados em temas de patologia social. Em Barão de Lavos (1891), o autor versa sobre o tema da homossexualidade e faz críticas à sociedade portuguesa da época. Além desse romance, destacam-se: Amanhã! (1901), Fatal Dilema (1907) e Próspero Fortuna (1910).



Inglês de Souza (1853-1918), nascido na cidade de Óbidos, no Pará, participou da fundação da Academia Brasileira de Letras (ABL), embora tenha se destacado na política. Alguns críticos o consideram introdutor do naturalismo no Brasil, com a publicação da obra O Coronel Sangrado (1877). No entanto, esse romance não teve muito reconhecimento no momento em que foi publicado. A obra que o consagrou foi O Missionário, publicada em 1891, que aborda os aspectos morais de um religio-



so que começa a se interessar por uma mestiça, Clarinha.

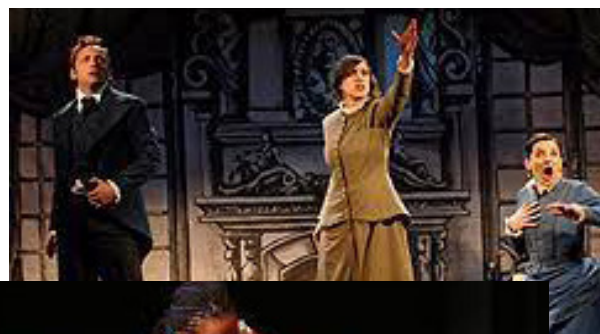
Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), no Rio de Janeiro. Era ainda criança quando sua família se mudou para Campinas, onde a autora escreveu seus primeiros textos. Mais tarde, foi morar em Portugal, onde se casou com o poeta Filinto de Almeida. A romancista, que faleceu em 30 de maio de 1934, no Rio de Janeiro, escreveu romances com traços realistas e naturalistas, como A falência, sua obra mais conhecida. Assim, foi uma bem-sucedida escritora, que defendeu a educação para as mulheres, o divórcio e o voto feminino.



# O TEATRO NATURALISTA E SUAS CURIOSIDADES

Muitos literatos do naturalismo produziram textos de dramaturgia e, assim, o teatro teve também um grande destaque no movimento. Os palcos naturalistas estavam focados nos detalhes para melhor representar os objetos em cena. O precursor do naturalismo literário na França, Émile Zola, foi um dos que contribuíram para o desenvolvimento do teatro naturalista, com sua obra de dramaturgia *Thérèse Raquin*, de 1873. O escritor francês adaptou seu romance que inaugurou o movimento literário naturalista em uma peça teatral, dividida em 4 atos.

Na Alemanha, Gerhart Hauptmann (1862-1946) é considerado um dos introdutores da estética naturalista no teatro. Sua obra mais emblemática do período é *Os Tecelões*, escrita em 1892. Nela, o autor retrata a luta de trabalhadores de uma fábrica de tecido e suas inquietações. Na Rússia, destaca-se o dramaturgo Máximo Gorki (1868-1936) e sua obra teatral *Pequenos burgueses*, escrita em 1901, e que aborda o tema das classes sociais e o espírito burguês.





# Daniela Mercês

Designer Gráfica

## Sobre mim

Olá! Sou Daniela Mercês tenho 17 anos e sou estudante de Comunicação visual. Estou a procura de oportunidades de emprego para aprender e agregar a empresa. Fico a disposição.



(11) 95718-2788



mercês\_d



dani.mercês2005@gmail.com

## Formação

- 2023 – Profissional técnico em Comunicação Visual ETEC TIQUATIRA.

## Habilidades

- CorelDraw ● ● ● ●
- InDesign ● ● ● ●
- Fotografia ● ● ● ●
- Photoshop ● ● ● ●
- Criação de Layouts ● ● ● ●

Meu Portifólio

